

JORGE PINTO*, JOANA MOREIRA, MARIA DOS ANJOS FONSECA**

Projecto de Vialonga Projecto Trabalho Autónomo – Reorganização do trabalho em sala de aula

A Desafios para uma escola inclusiva

capacidade de adaptação à diversidade de alunos o que engloba no termo “diversidade”, várias origens geográficas, várias culturas, diferentes origens sociais, diferentes contextos familiares e económicos, sem esquecer diferentes expectativas pessoais de futuro é um dos grandes desafios que se colocam às escolas actuais (Maguire, Wooldridge, Pratt-Adams, 2006).

Consciente desse desafio, o Agrupamento de Escolas de Vialonga tem vindo a procurar, ao longo dos anos, várias soluções adequadas aos diferentes perfis de alunos que a frequentam.

Escola TEIP desde 1996, o Agrupamento de Escolas de Vialonga tem criado, a partir de 1998/99, turmas de Currículo Alternativo, Cursos Profissionais, Cursos de Educação e Formação, e integra alunos de currículo funcional de forma a abranger ou responder? um leque variado de perfis de aprendizagem. Numa primeira fase, foi grande preocupação o combate ao abandono escolar, posteriormente, a partir do momento em que este se tornou praticamente inexistente, começaram-se a ponderar outros objectivos como o combate ao insucesso escolar e a promoção da melhoria das aprendizagens.

Desafios para o AEV

Realizado o diagnóstico, verificava-se que nas turmas, ditas de ensino regular, continuavam a existir alunos com diferentes ritmos de trabalho; os professores empenhavam-se imenso, mas os resultados não correspondiam a todo o investimento que era realizado e havia um grande alheamento dos alunos em relação às suas próprias aprendizagens. Em sala de aula, muitos alunos mantinham uma atitude de passividade durante o período de trabalho do professor, que era o único responsável pela planificação, pela verificação dos ritmos de aprendizagem, pela avaliação...

* Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

** Agrupamento de Escolas de Vialonga

Na análise dos resultados de cada turma, tarefa que a Directora do Agrupamento faz em cada final de período, insistia-se na ideia de que era necessário que os alunos tomassem consciência do trabalho que tinham de realizar, que se auto-avaliassem e diagnosticassem as suas dificuldades e, conseqüentemente, se responsabilizassem pela organização das suas tarefas, pela realização de trabalhos que lhes permitissem colmatar as suas lacunas na aprendizagem.

Para os professores, tornava-se necessário encontrar estratégias que permitissem lidar com a diferença, criar as mesmas oportunidades para alunos com apoio familiar desigual, com contextos sociais muito diversificados. Passava pela escola a criação de um espaço em que fosse possível aos alunos o desenvolvimento de várias tarefas escolares, com o apoio de professores, e que tivessem em conta as diferenças individuais de cada um deles.

Origem do Projecto

O projecto em curso em Vialonga, que elegeu como dimensão essencial o trabalho autónomo, nasceu numa primeira fase na sequência de um projecto de pesquisa/formação, numa parceria entre o Agrupamento de Escolas de Vialonga e a ESE de Setúbal. Este projecto desenvolvido entre 2006 e 2008 tinha como objectivo fundamental compreender e formar os docentes para a gestão das dificuldades dos alunos utilizando as áreas curriculares não disciplinares como um “espaço curricular alternativo” ao serviço das equipas pedagógicas (conselhos de turma) equipas pedagógicas para trabalhar e apoiar de forma concertada o percurso de todos os alunos (Bettencourt et al, 2008). Das inúmeras aprendizagens efectuadas salientamos três aspectos muito importantes na construção de uma segunda fase de trabalho, a saber: (i) a responsabilização da escola como colectivo no “cuidar” e apoiar o percurso de todos os alunos; (ii) a construção e ou reforço das equipas pedagógicas e das suas lideranças nomeadamente através do director de turma (iii) a mudança da formas de trabalhar aos nível das práticas pedagógicas.

Ao procurar desenvolver estes aspectos deu-se então inicio a um novo projecto que tinha como objectivo central melhorar as aprendizagens, diminuir o insucesso e os abandonos escolares e reforçar estratégias de educação para a cidadania nos TEIP através de um maior enquadramento e apoio aos percursos dos alunos na escola (Documento de Projecto, 2009).

Este projecto teve por base todo o trabalho que vinha sendo desenvolvido na EB 2,3 de Vialonga (e que era necessário preservar e reforçar) e partiu ainda do estudo de projectos e práticas inovadoras designadamente no Colégio de Santa Maria, na escola da Ponte e de práticas desenvolvidas por professores ligados ao Movimento da Escola Moderna. Alguns dos protagonistas dessas experiências – professores do Agrupamento e das restantes instituições/ formadores – apoiaram o desenvolvimento do projecto.

Projecto de Trabalho Autónomo

Todo o trabalho desenvolvido com diversas escolas e em particular com o Agrupamento de Vialonga de escolas de Vialonga mostram que já não é possível sustentar um discurso sobre o insucesso, isentando a escola de uma profunda análise sobre o seu funcionamento

e eventuais efeitos na produção desse mesmo insucesso (Bettencourt & Pinto, 2008). De facto as respostas para o apoio aos alunos estão em larga medida na escola, vista nas suas diversas dimensões desde a gestão às práticas de sala de aula. É nesta perspectiva que Vialonga com este projecto – denominado de Trabalho Autónomo – procura construir uma resposta pedagógica tendo em vista a prossecução de três grandes objectivos:

- . responsabilizar os alunos pelas suas aprendizagens (levando-os a uma auto-regulação e auto-avaliação sistemáticas das suas aprendizagens, a uma reflexão frequente sobre as suas principais dificuldades, a uma análise das suas atitudes...);
- . responsabilizar os alunos pela organização do seu trabalho;
- . promover a sua autonomia.

A possibilidade de alcançar estes objectivos passou por uma reorganização curricular. A escola tornou-se co-responsável pelas aprendizagens. O aluno só aprende se trabalha, e a escola organizou-se para que o aluno aprenda mais e trabalhe mais. Num primeiro ano, ano lectivo 2008 |2009, iniciou-se o projecto com turmas de 5.º e 7.º anos, em 2009|2010 estendeu-se aos 6.º e 8.º anos e, no ano lectivo actual, passou a abranger toda a escola.

Diariamente, todas as turmas passaram a ter um bloco de 90 minutos com dois professores numa área curricular não disciplinar denominada de Trabalho Autónomo. Aí podem realizar, com o acompanhamento desses dois professores, as várias actividades que constam dos seus planos de trabalho (previamente fornecidos pelos professores das diferentes disciplinas). Esta área curricular não funciona isolada. Deve dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelos professores na sua disciplina, mantendo uma ligação permanente. Esse espaço de Trabalho Autónomo começou, igualmente, a ser o espaço onde o conceito de diferenciação começou a ser consolidado. O tradicional ensino dirigido, centrado no professor, igual para todos os alunos, foi sendo substituído por um ensino onde se pode motivar e apoiar os alunos com mais dificuldades e que, ao mesmo tempo, permite desafiar os alunos que aprendem com mais facilidade. Essa diferenciação deve ter em conta os conhecimentos de cada aluno e consolida-se em momentos de negociação entre aluno/professor(es) e na construção de um Plano Individual de Trabalho. A este documento associa-se a elaboração de portefólios individuais, forma privilegiada de organização do trabalho autónomo. Os Planos Individuais de Trabalho e os Portefólios permitem que o aluno desenvolva a capacidade de se auto-avaliar e de auto-regular permanentemente o progresso das suas aprendizagens.

Além de Trabalho Autónomo, foi criada uma nova área curricular – Comunicação – e Formação Cívica passou a contar com 90 minutos semanais.

Em Comunicação o professor conta igualmente com 90 minutos semanais e esta área curricular foi criada com o objectivo de desenvolver nos alunos as competências que os levem a comunicar de forma correcta e adequada em contextos diversos e com objectivos diversificados, a exprimir-se oralmente de uma forma confiante, autónoma e criativa, a utilizar recursos expressivos, linguísticos e não linguísticos, como estratégias de adesão, de oposição e de persuasão, a assumir o papel de ouvinte atento, de interlocutor e locutor cooperativo em situações de comunicação que exijam algum grau de formalidade, a auto-avaliar a correcção e a adequação do desempenho linguístico, na perspectiva do seu aperfeiçoamento. Esta área é atribuída preferencialmente ao professor de Língua Portuguesa, mas nem sempre isso acontece, uma vez que qualquer docente deve ter a capacidade de transmitir uma mensagem de forma eficaz, adequada ao contexto e de ter sentido crítico para avaliar e para reflectir com os alunos quais os critérios que devem estar subjacentes a um boa comunicação.

Por fim, a área de Formação Cívica continuou a desempenhar um papel fundamental não só no desenvolvimento de competências que permitam formar cidadãos empenhados, conscientes, activos, reflexivos e participativos, mas também na regulação de todos os problemas relacionados com o funcionamento da turma, no global, e de cada um dos seus elementos, em particular. Privilegiou-se a organização de Assembleias de Turma e o desenvolvimento de Trabalhos de Projecto. As Assembleias de Turma, pelo seu formato e características, tornaram-se espaços privilegiados de instância e partilha de poder, permitindo o exercício directo da participação democrática. Constituíram, desde o início, espaços fundamentais para a regulação das várias dimensões da direcção de turma, nomeadamente, gestão da disciplina e gestão das aprendizagens (através, por exemplo, da definição de metas de trabalho e de contratos pedagógicos), em complementaridade com as actividades desenvolvidas em tutoria, e o desenvolvimento de competências de negociação, cooperação e debate promovidas através da vivência de experiências de democracia na vida escolar.

Os alunos e as suas impressões sobre as alterações no trabalho quotidiano. que dizem os alunos?

Numa escola os projectos têm como principal alvo os alunos. Assim parece-nos interessante perceber através dos seus olhares como viveram as mudanças curriculares introduzidas e sobretudo o sentido que lhes atribuem em termos das suas aprendizagens e formação.

Trabalho Autónomo:

«(...)estudo mais porque tenho de ler a matéria»

«(...)podemos tirar dúvidas com o professor com mais tempo.»

«O trabalho de TA ajuda a lembrar a matéria para os testes.»

«(...)ajuda a praticar a matéria que damos na aula.»

Como se pode perceber na opinião dos alunos o trabalho autónomo parece ser um momento de trabalho efectivo, onde tem a liberdade e o tempo de colocar as suas dúvidas aos professores e receber as respostas adequadas para a evolução dos trabalhos. Parece ser

ainda um espaço de sistematização do que se aprendeu o que permite preparar para os momentos mais formais de avaliação das aprendizagens. Assim, parece que na opinião dos alunos o trabalho autónomo se pode considerar como um momento de trabalho de grande utilidade.

Comunicação

- «(...)temos tempo para ler.»
- «Não gosto de falar para a turma.»
- «Sinto-me mais à vontade para comunicar.»

Neste espaço de trabalho as opiniões dos alunos espelham bem o seu sentido múltiplo já que permite haver tempo para ler, mas também como espaço de desinibição para o exercício e gosto e uso das competências de comunicação fundamentais para o sucesso na escola, mas sobretudo para a vida. Deste modo podemos dizer que também esta área de trabalho se revela como algo com sentido que contribui para mais e melhores aprendizagens.

Assembleia de Turma

- « (...)podemos decidir coisas em conjunto(...)»
- «Falamos do que se passa com a turma e tentamos melhorar.»
- «Ajuda-nos a debater assuntos importantes.»
- «Gosto de discutir com os colegas sobre o trabalho.»
- «Eu não gosto porque tenho de falar.»

Esta área sendo um espaço de diálogo e partilha entre o grupo é vivida pelos alunos também de uma forma bastante significativa. Salienta-se a importância dos momentos reflexivos ou de auto avaliação reguladora fundamental para as aprendizagens (Pinto & Santos, 2006), mas também um espaço de diálogo, argumentação e planeamento do trabalho. Estas parecem ser características fundamentais para a construção da cidadania

O dispositivo de apoio à inovação

O desenvolvimento de um projecto desta natureza implicou e implica ainda ter um dispositivo de investigação-acção formação que sustenta o seu desenvolvimento. (Pinto, 2010). Uma das características mais fortes deste dispositivo é o facto do trabalho

formativo estar ancorado na dinâmica do “agir educativo” contextualizado no trabalho quotidiano dos professores mas também nos problemas que a Gestão tem que enfrentar para garantir a exequibilidade do projecto em acção. Contudo, esta contextualização não se confina ao espaço e tempo em que ocorre. Os problemas emergentes ao serem confrontados com outras formas de acção e “iluminadas” por quadros teóricos de referência, permitem por sua vez que a formação seja um lugar de produção de saber sobre a própria acção, isto é, um espaço de construção de “saber” pedagógico em sentido lato.

Avaliação do Projecto

A implementação de um projecto com esta dimensão, que tem reflexos na organização da escola e na introdução de novas práticas pedagógicas, tem que gerar obviamente momentos de reflexão que permitam efectuar reajustes e adaptações se necessário. Ao longo dos últimos dois anos, a avaliação do projecto tem sido feita por avaliadores externos e, com o acompanhamento de formadores ligados à Escola Superior de Educação de Setúbal, foi possível registar diversas opiniões dos docentes envolvidos, que se encontram na plataforma moodle do Agrupamento.

Referências

- Bettencourt, A.; Guimarães, F.; Pinto, J.; Caeiro, T., (2008), *Qualidade do ensino e prevenção do abandono e insucesso escolares nos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico: o papel das áreas curriculares não disciplinares (2006-2008)*. (Relatório Final não publicado) Lisboa: Ministério da Educação
- Bettencourt, A. & Pinto, J. (2008). *A acção da escola na promoção das aprendizagens de todos os alunos in: Noesis 78*
- Pinto & Santos (2006). *Modelos de avaliação das aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pinto, J; Bettencourt, A.; Bento, I.; Paulus, P. (2009) *Projecto de formação-investigação-acção dirigido aos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) visando a melhoria das aprendizagens e a educação para a cidadania (versão 2009)* Documento do Projecto. Setúbal: ESE/ ME (documento não publicado)
- Pinto, J. (2010). *A formação em contexto e inovação: desafios e problemas*. Setúbal: II Encontro de Estudos Locais.